

***O Recurso do Método:
urna luz na História da América Latina***

Ada Mana Hemilewski¹

Resumo: Alejo Carpentier, escritor cubano e grande estudioso da história do continente americano, realiza, através de sua obra literária, uma reconstrução da história, conduzindo o leitor à reestruturação do significado dos fatos históricos abordados para as comunidades latino-americanas. Este ensaio focaliza as relações que se estabelecem entre a história e a ficção, em seu romance *O recurso do método*, obra publicada em 1974.

Palavras-chave: Literatura, História, Alejo Carpentier, América Latina.

Abstract: Alejo Carpentier, a Cuban writer and a great scholar in the studies of American Continent history, makes a reconstruction of the history, through his literary work, having the reader get a restructure of the meaning of historic events presented to the Latin-american communities. This essay focuses the links that occur between the history and the fiction in his romance *O recurso do método*, published in 1974.

Key-words: Literature, History, Alejo Carpentier, Latin-America.

¹Professora de Literatura Brasileira na URI, *Campus* de Frederico Westphalen, RS, Doutoranda em Letras pela PUCRS.

”Para escribir la Historia de nuestro mundo contemporáneo será necesario recurrir em la misma medida que al análisis de los archivos y los hechos materiales a la literatura de la época, y dentro de ésta especialmente a la novela”² (p. 24).

*O recurso do método*³, de Alejo Carpentier, é um romance histórico. Nele, o autor traça um painel político-cultural da América Latina do início do século, através da saga de um ditador latino-americano, o Primeiro-Magistrado, que se mantém no poder através de violenta repressão aos vários movimentos de oposição ao seu governo e ao imperialismo norte-americano, até que uma última rebelião e a retirada do apoio dos Estados Unidos ao seu governo, obrigam-no a exilar-se em Paris, onde vive seus últimos dias.

O título da obra, segundo declaração do próprio autor em entrevista publicada sob a coordenação de Virgilio López Lemus, é um jogo de palavras:

“En vez de Discurso dei método, Recurso dei mé-todo... América latina es Continente esencialmente anticartesiano, en cuanto al desarrollo de su historia...”

Cada capítulo es encabezado por una cita de Descartes que, tomada desde el ángulo de visión de mi Tirano Ilustrado, justifica los actos mas delirantes y arbitrarios... Recursos de un método que consiste en no tener ninguno...”

Mesclando personagens e fatos históricos reais com personagens e fatos históricos ficcionais, Carpentier situa o leitor dentro de um período de tempo específico, determinado pelos acontecimentos históricos a que alude: Revolução Mexicana, I Guerra Mundial, Revolução Russa. Através desses eventos históricos é possível situar a narrativa nas primeiras décadas do século XX.

O tempo do discurso é, predominantemente, cronológico, seguindo o tempo da história, que inicia por volta de 1913 e acaba por volta de 1940, quando acontece a morte do ditador. Ocorrem poucas analepses: uma, no primeiro capítulo, quando o Primeiro-Magistrado recorda a morte e o sepultamento de sua esposa, Dona Hermenegilda, sucedido três anos antes; outra, no segundo capítulo - sub-capítulo IV, quando o Primeiro Magistrado recorda sua infância na Vila Verônica e uma terceira analepse, no capítulo VII, sub-capítulo 20, quando Ophélia recorda sua infância no país natal.

Há uma única data explícita, 1972, que antecede o sub-capítulo 22, no qual o narrador fala sobre o túmulo do ditador, no cemitério Mont-Parnasse e que, ao final, traz impresso: “Havana - Paris 1971 -1973”, delimitando a data da escritura da narrativa, caracterizando-a como narrativa ulterior, uma das características do romance histórico.

A história é narrada por um narrador heterodiegético onisciente intruso, que focaliza, quase que exclusivamente, um personagem - o Primeiro Magistrado - a quem, em algumas passagens dá voz, através de monólogos e pequenas narrativas:

“...mas como, se acabei de me deitar? E a campanha está tocando. Seis e quinze.

²RAMA, Carlos M. *La historia y la novela y otros ensayos historiográficos*. Buenos Aires: Nova, 1978.

³ CARPENTIER, Alejo. *O recurso do método*. São Paulo: Círculo do Livro. Todas as citações serão retiradas dessa edição, sendo indicadas, no texto, somente as páginas.

Não pode ser. Sete e quinze, talvez. E mais provável...”

“Leve ruído de porta e aparece Syl-vestre, com seu colete listrado, erguendo a bandeja de prata - grossa e linda prata das minhas minas...” (p. 9).

O foco narrativo muda em apenas duas curtas passagens. Na primeira, desloca-se do Primeiro Magistrado para Peralta, seu secretário:

“E, enquanto o Primeiro-Magistra-do e a mulata Luís não-sei-quantos se ocultavam atrás de uma porta azul, eu me instalei num tamborete de pele de vaca, com a arma no colo. Ninguém, ademais, sabia que nem presidente estava na cidade” (p. 38).

Em outra passagem, o foco é Ophelia, a filha do Primeiro-Magistrado:

“E a vaca Flor de Mayo, recém-parida, que chamava seu bezerro, para que lhe aliviasse os úberes, e o vendedor de doces, lá na rua; e o sino da ermida, escondida entre ameixeiras e cerejeiras; e este milho aqui - tenho sete anos e, todas as manhãs, olho no espelho para ver se, durante a noite, cresceram-me os seios -, entrando-me pelos poros” (p. 266).

A obra está construída em capítulos de alternância e contraposição espacial: nos capítulos 1, 3 e 7, o protagonista se move no mundo parisiense, e nos capítulos 2, 4, 5 e 6, em sua pátria, um pequeno país latino-americano. Essa alternância de espaço demonstra a fascinação exercida pela Europa e, no caso específico, pela França, sobre as elites latino-americanas.

Em entrevista publicada em *Le Figaro*, em 1975, Carpentier fala da relação da América Latina com a França:

“Seria interessante estudar la herencia de Francia en América Latina: nuestras guerras de independencia se han desarrollado a la sombra de Rosseau, de Voltaire, de Montesquieu; la independencia se obtuvo en el siglo XIX, la época más lamentable de la historia de España y, para reaccionar contra España, los países de América Latina recurrieron a la influencia francesa. No de la Francia de la medida, sino la de Rabelais, de Hugo, de Lantréa-mont”.

O grande personagem do romance é, sem dúvida, o ditador, a quem Carpentier não dá nome, chamando-o, simplesmente de o Primeiro-Magistrado, designação comum dada aos mandatários latino-americanos. Ao seu redor gravitam uma série de personagens secundários, que formam a corte do ditador: embaixadores, negociantes, intelectuais, membros da sociedade parisiense, funcionários, etc. Entre eles, destacam-se seu secretário Peralta; o coronel Walter Hoffman, presidente do Conselho de Ministros; Cholo Mendonza, seu embaixador em Paris; o general rebelde Ataúlfo Galván e sua amante, a Maiorala Elvira. O ditador possui quatro filhos, um deles, Ariel, é embaixador nos Estados Unidos; o outro, Marco Antônio, é um play-boy internacional; o terceiro, Radamés, morto numa corrida automobilística, e a filha, Ophélia, que leva uma vida de milionária esnobe na Europa, desprezando profundamente o país onde nasceu.

Mas há um personagem que não participa da corte do Primeiro-Magistrado - é o povo - principalmente os universitários, a juventude representada pela figura do Estudante, um personagem sem nome, como o ditador, e que representa todos os estudantes que se opõem ao

regime de força do tirano, assim como o tirano representa todos os ditadores latino-americanos que se prolongaram no poder através da repressão, da violência e da dependência externa.

Em *O Recurso do Método*, a relação que se estabelece entre a ficção e a história é indireta: não há nenhum personagem histórico ficcionalizado, pois o Primeiro-Magistrado é um personagem ficcional. No entanto, é possível perceber a estreita relação que há entre ele e os ditadores históricos (reais) da América Latina.

Para criá-lo, Carpentier realiza uma espécie de colagem das características de vários ditadores, conforme declara em entrevista a Pierre Mazars, publicada em *Le Figaro*, em Paris, no dia 28 de julho de 1978:

“Hice - me dice Carpentier - um retrato-robot de cinco ditadores de América Latina: el mexicano Porfirio Díaz, quien fue amigo del mariscal Bazaine; el venezolano Guzmán Blanco, el cubano Machado, Trujillo, y Estrada Cabrera, quien edificó un templo a Minerva”.

O fato de o ditador de Carpentier não ser um personagem histórico, mas um personagem ficcional, criado a partir de características de personagens históricos, estabelece uma relação indireta entre a história e a ficção. No entanto, qualquer leitor que possua informações históricas sobre as ditaduras latino-americanas reconhece no personagem um autêntico ditador. Assim, a ficção recria e confere vida à história, iluminando-a. Por outro lado, o Primeiro-Magistrado situa-se entre seus pares históricos, através de diversas citações. No capítulo I, quando acorda em Paris, monologa:

“Mas em vez de um vulcão — nevado, majestoso, longínquo, antiga Morada dos Deuses — aproximava-se o arco do triunfo, atrás do qual se encontra a casa do meu grande amigo Linantou, que foi ministro de dom Porfirio, e com quem tanto se aprende quando ele se põe a falar da economia e safadezas nossas” (p. 9).

Mais adiante, quando o Primeiro-Magistrado constrói o capitólio, mantém o seguinte diálogo com seu secretário:

“Na Guatemala, nosso amigo Estrada Cabrera instituiu um culto à Minerva, com templo e tudo...”, “...Linda iniciativa de um grande governante...”, “... que já está há dezoito anos no poder...” (p. 13).

Nos jornais americanos, também o personagem é citado ao lado de históricos ditadores latino-americanos:

“Certa manhã, a notícia correu de boca em boca: num longo editorial, o especialista em assuntos latino-americanos do *New York Times* fazia uma implacável análise de nossa bancarrota, falava das repressões policiais e torturas, esclarecia o mistério de certas desapareições, denunciava assassinatos que ainda eram desconhecidos ali, recordando que o Primeiro-Magistrado, colocado na categoria dos Rosas, do Dr. Francia - que fora ditador vitalício no Paraguai -, de Porfirio Díaz, de Estrada Cabrera, da Guatemala, e de Juan Vicente Gómez, da Venezuela - como quem falasse de Luises da França ou Catarina da Rússia

-, estava há cerca de vinte anos no poder... (p.182- 183).

No exílio, o Primeiro-Magistrado, temendo o desdenho de Mme. Vendurin, recorda os ditadores latino-americanos que caíram em desgraça como ele:

“E eu pensava amargamente no lamentável fim de Estrada Cabrera; nos inúmeros mandatários arrastados pelas ruas de suas capitais; nos expulsos e humilhados, como Porfirio Díaz; nos encalhados neste país, depois de um longo poder, como Guzmán Blanco; no próprio Rosas, da Argentina,...” (p. 260).

Essas citações provocam um efeito de real, fazendo com que o leitor reconheça no Primeiro-Magistrado o típico ditador latino-americano.

A presença de ditadores, que se perpetuam no poder, em vários países da América Latina, tem suas raízes no período colonial. Embora tenham conquistado sua independência no início do século XIX, os países latino-americanos não sofreram profundas mudanças nas estruturas políticas e sócio-econômicas, conservando as mesmas estruturas do período colonial. Em consequência, a vida política dessas nações é marcada pela instabilidade econômica, pela submissão das massas e pelo domínio das oligarquias rurais. A ausência de um poder político institucionalizado propicia o surgimento de caudilhos, que, à frente de exércitos regionais, são responsáveis por uma tradição militarista que se ligava aos interesses dos latifundiários e do capital estrangeiro. Esses caudilhos

transformam-se em ditadores que, muitas vezes, permanecem por décadas no poder, como é o caso do Primeiro-Magistrado, no romance de Carpentier:

“E, se meu país gozava de paz e prosperidade, era porque meu povo, mais inteligente, talvez, que outros do continente, havia sabido reeleger-me três, quatro - quantas vezes? - , sabendo que a continuidade no poder era uma garantia de bem-estar material e equilíbrio político. Graças ao meu governo...” (p. 22).

Contudo, a vaidade e a ambição provocam rebeliões no seio do próprio governo. No romance de Carpentier, essas rebeliões, tão comuns nos países latino-americanos, também acontecem quando, primeiro Galván e, mais tarde, Hofmann sublevam-se com o único objetivo de conquistar o poder e os benefícios que dele advêm.

A expansão do imperialismo americano, ocorrida no início do século, na maioria dos países latino-americanos, em substituição ao imperialismo britânico, também marca o governo do Primeiro-Magistrado que, embora relute em aceitá-lo, julga-o inevitável para sua permanência no poder:

“... procedendo-se para isso, uma vez que toda guerra é cara e o Tesouro Nacional anda meio quebrado, à cessão para a United Fruit Co., da zona bananeira do Pacífico - operação que se arrastava há muito tempo por causa dos senões, alegatos e objeções de catedráticos e intelectuais que só sabiam dizer besteiras, denunciando os apetites -inevitáveis, meu Deus, inevitáveis, fatais, queiramos ou não, por razões geográficas, por imperativos históricos - do imperialismo ianque” (p. 28).

Na medida que expandem seus negócios na América Latina, os ianques passam a executar uma política externa cada vez mais agressiva, não hesitando em realizar intervenções militares, sempre que seus negócios são ameaçados. A ameaça de intervenção leva os governos a agirem sempre de acordo com os interesses dos norte-americanos, sob pena de perderem o poder.

Idêntico aos seus pares históricos, o ditador do romance de Carpentier também acaba agindo sempre de acordo com os interesses dos Estados Unidos. Isso pode ser observado quando o professor Dr. Luiz Leoncio Martínez lidera o movimento de oposição ao governo, com o apoio de estudantes, jornalistas, políticos, advogados e alguns jovens oficiais. O Primeiro-Magistrado não aceita a oferta de uma rápida intervenção das tropas americanas, feita pelo embaixador dos Estados Unidos, considerando-a humilhante para a soberania nacional. Porém, acaba praticando um dos piores atos de violência de seu governo, na tentativa de evitar a intervenção e salvaguardar os interesses norte-americanos:

“E então, foi a confusão: as tropas soltas, em debandada, incontidas, saíram à caça de homens e mulheres, com baioneta, facão, faca, atirando os cadáveres trespassados, abertos, degolados, mutilados no meio da rua, para melhor escarmento. E os últimos combatentes, uns trinta ou quarenta - foram levados ao Matadouro Municipal, onde, entre couro de reses, tripas, vísceras e fel de animal, sobre charcos de sangue coagulado, foram pendurados nos ganchos pelas axilas, pelos joelhos, pelas costelas, ou pelo queixo, depois feridos a pontapés e coronhadas...” (p. 68).

As conseqüências do imperialismo também se fazem sentir no terreno cultural. Nas escolas, onde antes se ensinava o latim, agora se ensina o inglês. Os jornais, romances e filmes norte-americanos invadem o país, e o natal transforma-se em Christmas.

Apesar da violenta repressão e do apoio dos norte-americanos, a oposição ao governo do Primeiro-Magistrado cresce e tem como principal articulador os jovens. São os estudantes que, tanto no universo romanesco, como no universo histórico da América Latina, não se calam e incitam a população a rebelar-se. Surge no romance a figura do Estudante, um jovem cujo nome ninguém sabe, e que é a grande ameaça ao governo do Primeiro-Magistrado. Entretanto, o imperialismo norte-americano impede que as mudanças pregadas pelo Estudante, transformado em mito pelo povo, se concretizem. Esses não convêm a seus interesses e, por isso, apoiam Leoncio Martínez, embora o mesmo não possua o prestígio popular do Estudante:

“Mas, precisamente porque os gringos têm medo do Estudante - e, mais que tudo, das idéias que representa -, apoiam o homem de Nueva Córdoba. O indivíduo lhes importa pouco. Mas personificam um tipo de democracia que eles invocam sempre que querem mudar algo na América Latina” (p. 210).

E, quando, o Primeiro-Magistrado tenta argumentar com Peralta, afirmando que poderiam conquistar a simpatia popular, denunciando a intromissão dos ianques nos assuntos nacionais, pois o povo não gosta dos gringos, Peralta deixa bem claro quais são os interesses da burguesia:

“Nosso povo, não; mas nossa burguesia sempre se acomoda com eles. Para nossa

gente endinheirada, gringo é sinônimo de Ordem, Técnica, Progresso” (p. 210).

Apesar de todos os esforços para manter-se no poder, o Primeiro-Magistrado tem o mesmo destino de tantos outros ditadores latino-americanos que, depois de permitirem a entrada dos gringos em seus países, são dele alijados em nome dos interesses do mesmo país a quem tantos favores prestaram. Os norte-americanos não hesitam em retirar seu apoio e substituir o ditador para salvaguardar seus interesses. É essa a realidade constatada pelo Primeiro-Magistrado quando é obrigado a afastar-se do poder, através do diálogo que mantém com o agente consular norte-americano:

“Eu, que sempre me entendi tão bem com vocês... Com tantos favores que me devem’. O outro sorri, por trás de seus óculos de aro de tartaruga: ‘E sem isso... como é que o senhor teria se mantido no poder? Favores? Agora os receberemos do catedrático teósofo...’” (p. 237-238).

O ditador pergunta por que os ianques não apoiaram o Estudante e, então, esclarece-se, de fato, a dimensão histórica dos movimentos estudantis ocorridos na América, e do qual nasceram muitas das mais representativas lideranças da América Latina:

“Desse seria difícil consegui-los. E um homem de raça nova, dentro de sua raça. Desses que estão nascendo em grande número no continente, embora os generais e doutores daqui se empenhem em ignorá-los” (p. 238).

A presença do Estudante, nos capítulos finais, demonstra a crença de Carpentier na possibilidade de mudanças reais. A esperança de uma sociedade latino-americana mais justa, embora,

para que isso aconteça, seja preciso que o povo crie condições para tal. No romance em foco, também é preciso esperar, segundo o diálogo mantido pelo Estudante com o cubano Julio Antonio Mella, quando ambos viajam a Bruxelas, onde participarão da I Conferência Mundial contra a Política Imperialista:

“Cai um aqui, levanta-se outro ali”, disse o Estudante. “E, há cem anos, o espetáculo se repete”. “Até que o público se canse de ver a mesma coisa”. “É preciso esperar...” (p. 276).

Outro fato histórico presente na obra é a I Guerra Mundial. Quando ocorre o tiro em Sarajevo, o Primeiro-Magistrado está empenhado em realizar uma campanha nos jornais para consertar os estragos causados à sua imagem com a publicação de reportagens sobre a carnificina ocorrida em Nueva Córdoba, nos jornais parisienses. Por isso, recebe a notícia com alívio, pois agora a imprensa tinha um novo assunto e se esquecerá dele.

Carpentier enfoca, também, a prosperidade econômica dos países latino-americanos, causada pela elevação dos produtos agrícolas durante a guerra:

“Com aquela Guerra Européia -que - na verdade, e era melhor nem dizer, estava sendo uma benção de Deus -, o açúcar, a banana, o café, a batata atingiam cotações nunca vistas, fazendo engordar as contas bancárias, levantando fortunas, trazendo luxos e refinamentos que, até a véspera, pareciam coisas de novela mundana ou filmes...” (p. 125).

Essa súbita riqueza leva o Primeiro-Magistrado a realizar: ...aquilo que, haveria de ser sua grande obra de edificador, a materialização em

pedra, de sua obra de governo: dotar o país de um Capitólio Nacional... (p. 129).

No entanto, a prosperidade econômica só faz aumentar a distância entre as classes sociais:

“O país conhecia uma prosperidade assombrosa, certamente. Mas o crescente custo de vida mantinha o pobre na miséria de sempre - de manhã, banana assada, batata ao meio dia, um pedaço de pão e mandioca no fim da jornada, com alguma carne-de-sol de cabrito, ou carne-seca de vaca aftosa, aos domingos e nos aniversários - apesar da aparente bonança de salários” (p. 136).

Esse empobrecimento faz com que cresçam os movimentos contra o governo do Primeiro-Magistrado. Começam a aparecer pichações com a sigla da Revolução Anarco-Sindicalista (R.A.S.). No entanto, a declaração de guerra às potências centrais, em apoio aos Estados Unidos que, devido ao afundamento de seus navios por submarinos alemães, entram na guerra em 1917, desvia, temporariamente, a atenção do povo aos problemas internos do país.

Após a guerra, a classe dominante não se dá conta da mudança da situação:

“Enquanto isso, uma já inflada prosperidade, levada por um in-controlável impulso, continuava crescendo em especulações e desperdícios, sem que os favorecidos e beneficiados fizessem o menor caso dos sombrios vaticínios de certos economistas - desmancha-prazeres puritanos, cujas vozes de sibilas calculadoras destoavam do entusiástico coro daqueles que cantavam os gozos de uma ficção cada dia renovada. Porque se vivia uma ficção” (p. 164).

O Primeiro-Magistrado também participa deste mundo de ficção, e resolve trazer óperas européias a seu país:

“E, por tudo isso, atendendo a um velho anseio, agora realizável, o Primeiro-Magistrado pensou na possibilidade de instalar uma Opera dentro da Cidade - Opera, Capital da Ficção, oferecendo a seus compatriotas um espetáculo semelhante aos que se apresentavam em Buenos Aires e no Rio de Janeiro - urbes de olhos sempre postos nas artes e no refinamento do Velho Mundo” (p. 165).

Nessa passagem, Alejo Carpentier utiliza a ironia através do emprego das letras maiúsculas e da expressão Capital da Ficção. Observa-se, também, a fascinação exercida pela Europa e por sua cultura sobre a burguesia latino-americana. Essa fascinação é uma das marcas da obra e está retratada na figura do ditador:

“Paris, em troca, era a Terra de Maravilhas e a Terra da Promissão, o Santo Lugar da Inteligência, a Metrópole do Saber Viver, a Fonte de Toda Cultura, que, ano após ano, em diários, periódicos, revistas, livros, louvavam - depois de realizar a suprema ambição de viver ali - os Rubén Darío, Gómez Carrillo, Amado Nervo, e tantos outros latino-americanos que da Cidade-Mor haviam feito, cada um à sua maneira, uma espécie de Cidade de Deus...” (p. 81).

Percebe-se que os latino-americanos consideram a França em situação de superioridade em relação aos seus países.

Devido à ostentação de riqueza pela classe dominante, e a miséria cada vez maior do povo, bem

como a crescente conscientização dos trabalhadores, ocorrem greves em vários países latino-americanos. Essa situação também está retratada na obra de Carpentier:

“Greve geral. Ou se preferir: paralisação geral. Está tudo fechado. Ninguém foi ao trabalho” (p. 213).

Não podendo fazer nada, porque as ruas permaneciam vazias e o comércio e as casas fechadas, o ditador toma uma atitude:

“O primeiro mandatário assassinou a si mesmo, fez espalhar a notícia de sua morte, para que as massas saíssem à rua e fossem metralhadas no soberano alcance dos tiros...” (p. 220).

Mas seus atos têm graves conseqüências. Os Estados Unidos resolvem intervir:

“...os fuzileiros aqui; como fizeram em Vera-Cruz, então; como no Haiti, caçando negros; como na Nicarágua, como em muitas outras partes, a mera baioneta contra cañazos e latinos; intervenção, talvez, como em Cuba, com aquele General Wood, mais ladrão que a puta que pariu...” (p. 226).

O Primeiro-Magistrado não interessa mais aos Estados Unidos e, por isso, é substituído, conforme lhe comunica o Embaixador dos Estados Unidos:

“Não vim aqui para discutir, mas para lhe expor uma realidade. O dr. Luis Leoncio conta com o apoio das forças vivas do país. E seguido por muitos jovens com idéias generosas e democráticas” (p. 227).

A crise econômica do pós-guerra, presente na obra de Carpentier, reforça a representação histórica na ficção:

“...o açúcar da República tinha sofrido uma pavorosa queda nas lou-sas das Bolsas Mundiais” (p.172-173).

“E, quando chegou o carnaval, o açúcar - pro-tagonista egrégio de toda uma bucólica latino-américa -tinha despencado, com armazéns cheios de sacas sem vender, para dois centavos e quinze centésimos a libra...” (p. 173).

A posição de economia complementar e periférica da América Latina reforçou o modelo primário-exportador, até por volta de 1930. Mantinha-se uma economia de base cíclica e dependente do comportamento do mercado externo em relação ao chamado “produto-rei” de cada país. A partir daí, como desdobramento e alternativa da crise de 29, verifica-se uma reciclagem das economias latino-americanas. Um dos aspectos mais importantes dessa reciclagem é o aproveitamento das oportunidades que se abrem para a realização de projetos internos de industrialização.

A crise de 1929 também determina uma modificação na política externa norte-americana em relação à América Latina. O presidente Roosevelt elabora a “Política da Boa Vizinhança”, diante da constatação de que uma política de dominação mais sutil é mais eficiente em relação ao uso do poder político e econômico do que a intervenção aberta.

O colapso do setor agrário-exportador, resultante da crise de 29, possibilita uma série de movimentos revolucionários que assinalam a emergência de novas lideranças na sociedade latino-americanas. Essas novas lideranças são retratadas no romance de Carpentier através de um personagem ficcional - o Estudante - e um personagem histórico-real - o líder cubano Julio Antonio Mella.

Em *O recurso do método*, Carpentier, valendo-se da proximidade do discurso histórico e o discurso ficcional, devido ao caráter narrativo de ambos, transpõe a história para a literatura. No entanto, não se limita a realizar uma simples transposição dos fatos históricos para o universo diegético. Baseado na história dos países latino-americanos, o escritor cria um país-síntese da América Latina, que sofre as mesmas conseqüências da I Guerra Mundial e do imperialismo americano, que foram realmente vividas por esses países.

O diálogo que se estabelece entre a história e a ficção no discurso de Carpentier, bem como entre narrador e leitor possibilita a identificação das estruturas sócio-político-culturais comuns aos vários países que compõem o continente e permite a percepção de que o autor acredita que a transformação da realidade sócio-político-econômica da América Latina só pode ocorrer através de uma revolução que resulte de um *levante popular* como declara o Estudante no encontro com o Primeiro-Magistrado.

Não há, na obra, personagens históricos ficcionalizados, como é comum nos chamados romances históricos. Embora haja a citação de vários personagens reais ao longo da obra, eles apenas são utilizados para situar o mandatário e o país ficcional entre países e personagens reais, num dado contexto histórico.

O que se lê em *O recurso do método* não é o verdadeiro, mas o possível, pois a partir da história real, a imaginação do autor criou o universo romanesco. Mas essa (re)criação possibilita uma melhor compreensão da verdade dos fatos históricos, pois a ficção preenche as lacunas da história oficial, desvendando causas, conseqüências e

implicações que, muitas vezes, a história deixa de registrar em seu discurso:

“Na realidade, a história - o mundo real ao longo de sua evolução no tempo - adquire sentido da mesma forma que o poeta ou o romancista tentam provê-lo de sentido, isto é, conferindo ao que originariamente se afigura problemático e obscuro, o aspecto de uma forma reconhecível, porque familiar. Não importa se o mundo é concebido como real ou apenas imaginado; a maneira de dar-lhe um sentido é a mesma (...)”

“... vivenciamos ‘a ficcionalização’ da história como uma ‘explicação’ pelo mesmo motivo que vivenciamos a grande ficção como iluminação da ficção de um mundo que habitamos juntamente com o autor” (WHITE, p. 115-116).

Assim, a ficção de Alejo Carpentier, através de uma linguagem barroca e utilizando a ironia como arma de denúncia, cumpre o seu papel, iluminando a história da América Latina.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. 2 ed. São Paulo: Ars Poética, 1993.

CARPENTIER, Alejo. *O recurso do método*. São Paulo: Círculo do Livro.

FARIA, Ricardo de Moura et al. *História*. Belo Horizonte: Lê, 1989, v. 3.

GOMES JÚNIOR, Guilherme Simões. *Considerações sobre o estatuto do texto histórico: entre a ciência e a ficção*. Mimeo.

JOZEF, Bella. *Romance hispano-americano*. São Paulo: Ática, 1986.

LEMUS, Virgilio López (Org.). *Entrevistas: Alejo Carpentier*. La Habana: Letras Cubanas, 1985.

LIMA, Luiz Costa. *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

NAVARRO, Márcia Hoppe. *O romance na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS; MEC/SESu/Proedi, 1988.

_____. *Romance de um ditador. Poder e história na América Latina*. São Paulo: ícone, 1989.

RAMA, Carlos M. *La historia y la novela y otros ensayos historiográficos*. Buenos Aires: Nova, 1978.

SCHMIDT, Mário. *Nova história crítica da América*. São Paulo: Nova Geração, 1993.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso. Ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994.